

Mutirão para Fechar

JORNAL DO BRASIL

28 JUN 1986

NÃO há argumento capaz de explicar o flagrante fotográfico de um deputado na tribuna falando às cadeiras vazias no plenário. Não tem conta o número de vezes em que a Câmara se ausenta das suas responsabilidades, mas no fim da temporada de trabalho era preciso ao menos um esforço, embora desconcentrado, para salvar as aparências na hora de começar o recesso. Do jeito que vai, nada se salvará. A Câmara e o Senado estão em pleno mutirão para fechar o Congresso. Perderam as prerrogativas, mas passam muito bem sem elas. Fazem o que querem sem ter que dar qualquer satisfação a quem quer que seja.

Se fosse para valer o argumento de que os deputados estão pousados em suas bases eleitorais, não poderiam registrar-se 198 assinaturas na lista de presenças, para efeito de recebimento do jeton. Ou as assinaturas são por procuração ou é ainda pior. Quando o orador começou a falar, o líder do PCB estava presente mas saiu. Três deputados conversavam a um canto. A única testemunha de acusação era o presidente da mesa, por sinal um suplente no exercício da função. Para a semana, algum ocioso vice-líder governista vai duvidar da fotografia — e negar que tenha havido a sessão.

Ao mesmo tempo, o Senado também estava às moscas, não obstante os senadores terem providenciado nada menos de 16 sessões extraordinárias para efeito de fazer juz ao número correspondente de jetons. O mutirão tem, portanto, duas frentes nesse incansável trabalho de demolição da credibilidade da instituição representativa. O problema da baixa produtividade do Congresso é antigo, mas não pode mais

ser cobrado ao autoritarismo. A fatura deve ser extraída em nome dos congressistas.

O Senado, aliás, está soltando uma luxuosa edição de dois mil exemplares para dar conta de que é possível produzir e folgar ao mesmo tempo. Conta agora em livro o que alega ter feito há dois anos. Em português, inglês e espanhol, a obra de arte — valendo-se dessa condição — dispensou a licitação, embora não tenha dispensado o sentido protecionista, pois a gráfica que se incumbiu da edição tem como presidente um suplente de senador. Como se sabe, o Senado tem um dos melhores parques gráficos do país, e disso se orgulha. Não foi, entretanto, por modéstia que encomendou fora a edição de luxo.

Enquanto isso, o trem da alegria que vem da direção anterior continua circulando pelo Senado, com mais 81 jornalistas na redação fantasma de um jornal inexistente; e o arquiteto Oscar Niemeyer quebra a cabeça para ampliar os espaços ociosos a serem ocupados pelos futuros constituintes. É o Brasil do passado autoritário. Essas almas penadas representam um regime morto mas ainda não enterrado. As soluções arquitetônicas vão acabar tomando a inevitável forma de um mausoléu, se os eleitores não se compenetrarem de que estão obrigados a fazer o possível para este Congresso não se fechar sozinho. Valha-nos o eleitorado.

Para evitar o pior, caberá aos cidadãos providenciarem a 15 de novembro uma renovação que não seja inferior a noventa por cento. Onde já se viu um Senado contestar com uma edição de luxo em três línguas a verdade nua e crua de que tem horror ao trabalho? A penúltima esperança é o eleitor.